

## **Percurso institucional do seminarista diocesano rumo ao sacerdócio**

**Sílvio José Benelli\***

*Universidade de São Paulo*

**Resumo:** Investigamos a formação do clero católico na instituição seminário teológico. Utilizamos a técnica da observação participante e entrevistas semidirigidas para realizar uma análise institucional do estabelecimento seminário e dos procedimentos implementados na formação sacerdotal. Analisamos entrevistas realizadas com os seminaristas teólogos, procurando detectar os processos de produção de subjetividade na instituição. Estudamos ainda diversos ritos de passagem que o seminarista teólogo vivencia para tornar-se padre e os interpretamos como importantes instrumentos produtores de subjetividade na sua formação. Os resultados indicam que o modelo estrutural do dispositivo seminário pode ser entendido como instituição total e seu modo de funcionamento seria disciplinar e panóptico.

**Palavras-chave:** psicologia e religião; análise institucional; produção da subjetividade; seminário católico; formação eclesial.

---

\* Psicólogo e doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia, USP, São Paulo. Endereço: R. José Bonifácio, 1185. Apto. 41 B. Jd. Cristo Rei. Marília. CEP. 17513-230. Fone: (14)3422-5040. E-mail: sjbewelli@yahoo.com.br

Este artigo é parte da pesquisa de doutorado: "A produção da subjetividade na formação contemporânea do clero católico" que foi desenvolvida por Sílvio José Benelli, sob orientação do Prof. Dr. Geraldo José de Paiva no Curso de Pós Graduação em Psicologia Social - Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, com financiamento da CAPES.

### ***Análise institucional do seminário teológico***

O clero católico é preparado na instituição seminário, realidade pouco conhecida no meio acadêmico, dada a dificuldade de se ter acesso à esse tipo de estabelecimento. Para estudarmos a multifacetada realidade que é a formação sacerdotal e a instituição seminário católico onde ela se processa, necessitamos de uma abordagem complexa. Nossa perspectiva pauta-se na análise institucional (Goffman, 1987; Lourau, 1996; Baremlitt, 1998; Foucault 1999; Costa-Rosa, 2000; Barus-Michel, 2004) que nos permite realizar uma pesquisa transversal, transitando por diferentes campos de saberes e práticas sociais: história da Igreja, ecclesiologia, teologia católica, psicologia social, pensamento institucionalista e também foucaultiano, buscando cartografar nosso objeto. Nossa hipótese de trabalho é que o seminário católico, enquanto instituição, constitui-se num bloco de condições materiais objetivas, de relações de comunicação, de saber e de poder. Estes elementos constituem o plano instituído que pode ser mapeado através de observação participante e de entrevistas (Benelli, 2006a) com os diversos atores institucionais do seminário teológico.

O seminário teológico é uma etapa avançada do processo formativo do candidato ao sacerdócio e provavelmente é dotado de especificidade própria. Nosso estudo anterior (Benelli, 2006a) permite-nos colocar a hipótese de que o seminário católico, de um modo geral, seria constituído pela conjunção do modelo monástico e do internato escolar adaptados aos dias de hoje, mas funcionando a partir das estruturas matriciais. Acreditamos que nesse microcosmo se desenvolve uma possível subjetividade específica, por isso focalizamos a vida institucional de um modo global. Procuramos elementos que nos permitissem cartografar essa especificidade. Pretendemos assim verificar como a subjetividade é construída no seminário teológico e através de quais processos isso acontece.

Realizamos uma série de visitas de observação num seminário teológico católico que recebe candidatos ao sacerdócio de várias dioceses que se associaram para sua criação. Tomamos como objeto de estudo o estabelecimento como um todo, que foi observado em seu funcionamento. Queremos descrever as *práticas formativas eclesiais*, produzindo uma análise política dos modos de funcionamento dos operadores institucionais atuantes no seminário. Entendemos que as *relações de formação* entre padres formadores e seminaristas seria um operador privilegiado de constituição do seminário teológico enquanto agência de produção de subjetividade. Escutamos, através de entrevistas semidirigidas, os diversos atores institucionais: seminaristas estudantes de teologia e equipe de formadores, procurando englobar todos os envolvidos na produção de subjetividade na instituição. O material obtido com as entrevistas foi tratado a partir da metodologia do sujeito coletivo (Lefèvre, 2000).

Por razões de espaço, neste artigo estamos apresentando apenas as análises das entrevistas realizadas com os seminaristas estudantes de teologia, material que nos parece extremamente rico e original, já que na literatura não se encontra a informação que aqui levantamos sobre o que se passa no claustro de um seminário católico. Consideramos os seminaristas diáconos que estão concluindo a formação inicial para o sacerdócio e o curso teológico informantes privilegiados quanto ao percurso institucional vivenciaram. As frases entre aspas são falas dos diáconos.

***Os seminaristas concluintes do curso teológico e do processo formativo***

Há entre os seminaristas concluintes aqueles que são ordenados diáconos no final do terceiro ano ou no início do quarto do curso teológico e passam esse último ano da graduação como membros da hierarquia, galgando o primeiro grau do sacramento da ordem. Eles ainda são seminaristas e por outro lado já pertencem ao clero como membros dotados de direitos, deveres e privilégios. Os diáconos tendem a emitir um discurso positivo sobre sua experiência na formação, muitas vezes num tom oficial, formal e politicamente correto, se sentem no seminário seguros e esperam pela ordenação sacerdotal com maior tranquilidade. Eles avaliam de modo muito mais positivo que os demais seminaristas seu percurso pelo processo formativo no seminário, talvez porque já obtiveram um certo sucesso nele, tendo inclusive alcançado a ordenação diaconal e isso parece lhes servir como confirmação do seu êxito como seminaristas. Podemos verificar que, quanto mais próximos da ordenação sacerdotal os diáconos estão, seu discurso vai assumindo as idéias e valores predominantes que permeiam o discurso oficial da equipe de padres formadores e seu olhar retrospectivo tende a ser mais positivo na avaliação do processo formativo, embora eles sejam capazes de enumerar crítica e claramente as dificuldades clássicas do processo formativo. Os depoimentos mantêm esse tom, ora mais oficial e integrado à cultura clerical, ora mais crítico.

Quanto à história vocacional, constatamos entre os diáconos as mesmas variáveis detectadas entre os teólogos novatos (primeiro ano) e os veteranos (segundo e terceiro ano): há os que ingressaram praticamente ainda adolescentes no processo formativo e, apesar de todas as dificuldades da dinâmica institucional do seminário, afirmam que se enriqueceram e se desenvolveram pessoalmente ao longo dos anos de formação; há outros que vieram para o seminário mais amadurecidos, com qualificação profissional técnica ou universitária e com experiência de trabalho profissional assalariado. Estes últimos tendem a expressar um sofrimento maior com a vida em regime de internato no seminário. Nos depoimentos, o seminário aparece como processo de discernimento e de seleção, de confirmação ou não da vocação sacerdotal. Há várias atitudes comportamentais cobradas dos seminaristas pelos formadores. O tempo de formação tende a ser percebido como sendo longo, cansativo e rotineiro. O seminarista é “alguém que deixou tudo” para seguir a vocação sacerdotal. Há muitos estereótipos sobre os seminaristas. O seminário controla e gerencia o tempo, a liberdade do seminarista, vedando-lhe o trabalho profissional e a possibilidade de se sustentar financeiramente. Ser seminarista ainda é cumprir com as exigências da formação no estabelecimento. Os diáconos afirmam que o seminarista é alguém que precisa abrir-se à formação e acolher sua oferta para crescer na caminhada. De acordo com as percepções dos teólogos diáconos, as principais necessidades dos seminaristas estão situadas no âmbito pessoal e interpessoal, no plano emocional e relacional. O seminarista precisa ser adequadamente orientado pelos seus formadores, aos quais deve obediência e submissão. A experiência de perseguições pessoais lhe ensina a manter distância dos formadores. O seminarista deve cultivar a espiritualidade e a oração com o povo para não perder sua perspectiva vocacional. Precisa estudar bastante também. Os diáconos incorporam o discurso oficial sobre o processo formativo que consideram com sendo adequado e suficiente.

O seminarista vive uma grande dependência financeira da instituição de formação e supomos que essa situação pode diminuir a auto-estima do formando, mantendo-o numa posição humilhante. Ela ainda o aliena da realidade social e econômica quanto ao custo de vida da população e também pode funcionar como um elemento de clericalização: “como deixamos tudo, temos direito a tudo também”. Se por um lado o seminarista não pode trabalhar para se sustentar, é informalmente lícito que ele solicite ajuda econômica de “madrinhas” ou dos párocos com quem trabalha na pastoral, como alternativas paliativas. Desse modo, parece natural que os seminaristas tenham tendência ao consumismo, a se acostumarem com um alto padrão de vida, ao desperdício e até mesmo a uma certa depredação do estabelecimento, como se queixam invariavelmente os padres formadores.

A formação sacerdotal acontece no seminário, lugar de moradia e de estudos, possibilitando que os formadores observem o desempenho do candidato, procurando verificar se ele apresenta “sinais vocacionais” que seriam condição para sua permanência no processo: acolhida da formação, abertura, vida de oração, bom relacionamento com os colegas, aplicação nos estudos, equilíbrio pessoal, crescimento, capacidade de comunicação, etc. Aparentemente, os critérios de avaliação e mensuração dos candidatos utilizados pelos formadores seriam absolutamente subjetivos. O reitor produz relatórios informativos sobre os seminaristas e encaminha para os bispos. Podemos considerar o olhar vigilante, metucioso e classificatório (Foucault, 1999) da equipe de padres formadores como um importante operador teórico-técnico da formação sacerdotal. A dimensão intelectual também é um operador valorizado, pois prepara o candidato para liderar a comunidade. A condição de internado e recluso no estabelecimento expõe os seminaristas às vicissitudes psicossociais típicas do regime de internato das instituições totais (Goffman, 1987): os diáconos explicam que há muitas armadilhas e provações no caminho, falta dinheiro para as despesas pessoais e também acompanhamento personalizado na dimensão humano-afetiva, reclamam.

A etapa da filosofia é considerada difícil pelos seminaristas: ela costuma reunir um grande número de jovens pós-adolescentes imaturos, padres formadores autoritários e estudos que desenvolvem o pensamento crítico, constituindo um ambiente tenso e explosivo. De um modo geral, podemos dizer que os seminaristas normalmente não apreciam os estudos filosóficos, desejando que fossem opcionais. Já a etapa teológica coloca o candidato ao sacerdócio em sintonia com os temas e as práticas específicas da vida sacerdotal. Na teologia a vida seria melhor e menos tensa, entretanto certas dificuldades permaneçam constantes: os conflitos interpessoais e os estudos são exigentes, embora também frustrantes em certos aspectos, pois há problemas com o curso teológico, com certos professores, com a biblioteca. A espiritualidade ganha relevância na vida dos teólogos. O diácono é um seminarista exitoso e bem adaptado ao processo formativo: ele busca incorporar e aderir ao perfil eclesial proposto, reconhecendo a dialética das alegrias e tristezas do processo formativo.

Uma questão recorrente é o tema da sexualidade no seminário filosófico, de acordo com os relatos dos teólogos diáconos. Parece haver uma exacerbação da sexualidade no período da filosofia, com a eclosão de experiências homossexuais, de assédio e iniciação sexual, de sedução e também de eventuais enamoramentos (Benelli, 2006a). Os diáconos vêem os filósofos como indivíduos imaturos e inexperientes que vivem num grande grupo cheio de conflitos, de questionamentos existenciais e vocacionais. Muitos candidatos deixam o processo na etapa filosófica, ao discernirem

seu caminho na vida. O seminário filosófico é considerado realmente a fase mais difícil da formação. Ali acontece um processo de “peneiramento”, de seleção dos candidatos que vão ingressar no seminário teológico. Uma opção mais convicta pelo sacerdócio é uma das condições para isso. Começar o curso teológico já permite ao seminarista antever a ordenação como um evento próximo e plausível. Os diáconos consideram os teólogos em geral como sendo seminaristas mais maduros. A vida cotidiana institucional não se modifica muito, mas o trabalho pastoral realizado durante os fins de semana nas paróquias se intensifica. As condições ambientais do espaço físico do seminário filosófico são consideradas menos adequadas para a vida dos seminaristas do que as do seminário teológico.

Os diáconos estabelecem algumas diferenças entre a mentalidade do seminarista da filosofia e o da teologia. Consideram que o pensamento filosófico é racional e interpretativo, convidando para a reflexão especulativa que é amplamente permitida aos seminaristas filósofos. Já o pensamento teológico seria dogmático e pautado pelo assentimento racional à fé. Os teólogos calam suas idéias, temendo serem considerados “hereges” e portanto, passíveis de punição. Os filósofos seriam mais adeptos de símbolos e assuntos clericais, tais como a hierarquia, vestes clericais e liturgia, estariam também mais centrados na dimensão acadêmica. Os teólogos seriam mais maduros e desprendidos quanto a símbolos de *status* clerical, estando mais empenhados na pastoral e nas questões da vida sacerdotal.

Superar etapas do processo formativo promove mudanças no auto-conceito e na auto-imagem dos seminaristas: eles são vistos de modo diferente e podem entender sua progressão no processo formativo como uma confirmação da sua vocação. Tendo percorrido diversas etapas, os teólogos se percebem mais amadurecidos pela experiência existencial da formação. Uma vez titulados em filosofia, experimentam mais liberdade para construir um projeto de vida pessoal. A ordenação sacerdotal é o norte que os atrai e sua proximidade crescente exige uma decisão vocacional e uma opção fundamental. A transição do seminário filosófico para o teológico traz consigo uma certa tensão: a necessidade de elaborar as perdas, de abrir-se ao novo e ao desconhecido, de tomar decisões que têm conseqüências pessoais e institucionais. O clima do seminário teológico é visto como tranquilo e os estudos também são exigentes, embora as notas escolares não parecem mais consideradas como critério vocacional. Estar na teologia é entrar no âmbito eclesiástico por excelência, os seminaristas – sobretudo os diáconos – se preocupam com os elementos específicos da cultura clerical: ministérios e ordenação.

Quais são os problemas que um seminarista enfrenta no seminário? Os depoimentos dos diáconos revelam que o ardor inicial do chamado vocacional tende a esfriar ao longo do processo formativo institucional: os estudos filosóficos, as dificuldades da convivência e a rotina pesada não propiciam “uma dinâmica de consagração total a Deus”. Aparentemente, a dimensão mística vai se extinguindo. A passagem pelo seminário filosófico causa um grande impacto na espiritualidade do seminarista. Sua experiência de fé piedosa e devocional, imatura e incipiente é passada pelo crivo do pensamento filosófico racionalista e crítico, “entra em crise” e o seminarista tende a abandonar práticas espirituais tradicionais e populares. Os questionamentos filosóficos atingem a interioridade pessoal, produzindo “crises existenciais” no seminarista. Na teologia os seminaristas começam a recuperar antigas práticas espirituais com um sentido mais profundo a partir de uma compreensão teológica. Outros problemas seriam a vivência da castidade e do celibato, tanto dentro

quanto fora do seminário, desafios que estão situados na dimensão humano-afetiva da formação. A convivência com os colegas também é uma dificuldade e a cronificação de problemas pessoais não solucionados são arrastados ao longo do tempo, causando desânimo e há o “risco de um nivelamento geral pela mediocridade”. O clima paranóico e persecutório predominante no seminário dificulta o relacionamento interpessoal. O seminarista percebe que não tem grande controle sobre sua permanência no seminário e a incerteza quanto a ter sucesso na caminhada vocacional aumentariam o sentimento de insegurança e fragilidade pessoal. O cansaço na vida acadêmica desanima o seminarista, pois ele percebe que um desempenho escolar sofrível ou mediano não tem grande incidência quanto à possibilidade de ordenação e tampouco influencia muito na vida concreta dos padres na paróquia. Há imposições, diretividade e autoritarismo na gestão da equipe de formadores. A ausência de remuneração e de dinheiro são indicadas como causadoras de sofrimento e de dependência no seminarista. As diversas crises pelas quais pode passar o seminarista se relacionam com seu amadurecimento pessoal no contexto institucional do seminário. Ali ele precisa elaborar suas questões sexuais e afetivas, pode eventualmente se apaixonar. No plano vocacional, pode perder o sentido da fé e mergulhar em “crises de fé”, vivenciando períodos de extrema aridez espiritual. Ele precisa fazer seu discernimento vocacional e tomar decisões quanto ao sentido que dará para sua vida: vai abraçar a vocação sacerdotal e construir um percurso até ela, ou vai escolher outro rumo para seguir. Não são pequenos os desafios com os quais o seminarista tem que se enfrentar, experimentando às vezes grande sofrimento. Reclamam que há cansaço e desgaste na vida comunitária por causa do longo tempo de convivência e da falta de responsabilidade dos colegas com as coisas da casa. Apesar disso haveria alegria e amizade entre os seminaristas. Os problemas comunitários não trabalhados parecem retornar insistentemente nas assembleias comunitárias nas quais se discutem freqüentemente sobre miudezas insignificantes. Buscam-se novas estruturas comunitárias e deseja-se melhorar a convivência. Dizem que isso depende dos formadores e também dos seminaristas, exigindo uma reorganização global da vida no estabelecimento. Mas a comunidade não parece disposta a pagar o preço dessas transformações institucionais. O ideal seria resolver os problemas sem mexer no seu estilo de vida, mudar para manter tudo igual. Como isso é impossível, tudo acaba permanecendo como está. O formalismo parece predominar na vida comunitária que manifesta um baixo nível de convivência fraterna e bastante agressividade e rivalidade. A assembleia do seminário, reunindo todos os seminaristas e padres formadores seria um instrumento democrático que tende para a auto-análise e à autogestão, colocando a palavra para circular no coletivo. Mas ela não funciona assim e quando não se pode ou não se quer tratar das questões essenciais, o tempo de discussão é preenchido com problemas insignificantes, com picuinhas domésticas e o mal-estar institucional permanece. Pensamos que a questão se refere ao formato e ao modo de funcionamento totalitário e disciplinar do estabelecimento seminário: um dos seus efeitos típicos seria o absentismo, a inércia e a resistência passiva do grupo dos internados (Goffman, 1987, p. 246) ao mundo institucional e ao modo de existência que lhes são impostos.

Os padres formadores são vistos pelos diáconos com certa compreensão e de modo positivo, mas não ficam isentos de críticas. Entendemos que é preciso distinguir entre a pessoa e suas boas intenções pedagógicas, espirituais, formativas e a função que ela desempenha no contexto institucional específico do seminário. O lugar institucional prescreve funções e práticas determinadas às quais é difícil escapar, sobretudo quando são desconhecidas e denegadas pelo próprio indivíduo que as exerce (Goffman, 1987,

p.67-83). Se por um lado a pessoa dos formadores pode ser bem vista, suas funções condicionam e emolduram – inclusive podem distorcer – suas iniciativas educativas no seminário. O atendimento personalizado é reiteradamente apontado como a solução para os problemas do processo formativo. Ora, verificamos que numa instituição total tende a predominar a observação do comportamento externo dos indivíduos pela autoridade, dentro de uma estratégia panóptica de poder (Foucault, 1999, p.143-148). Há mais vigilância hierárquica do que propriamente o diálogo. Espera-se que os padres formadores criem as condições formativas (pedagógicas, psicológicas e espirituais) para levar os seminaristas ao sacerdócio. Mas eles também estão imbuídos do poder de sanção, de vetar, de excluir e de aprovar os candidatos. O acompanhamento personalizado parece ser a estratégia educativa ideal para o exercício do trabalho dos formadores. Mas de acordo com os diáconos, os padres não estariam adequadamente preparados para serem formadores, apesar de sua disponibilidade. Podem facilmente lançar mão de instrumentos duvidosos e extremamente tendenciosos tais como a fofoca e a opinião circulante no seminário (“fala-se”, “estão comentando”, “dizem”) como indicadores de quem são os formandos. O reitor é visto como um administrador e como uma autoridade que pode limitar possíveis abusos por parte dos seminaristas. O diretor espiritual goza de grande prestígio entre os teólogos. Já o diretor de estudos é visto de modo mais pejorativo, encarnando uma espécie de autoridade absoluta que sempre pode perseguir impunemente seus desafetos.

Nossa hipótese é de que a relação padre formador e seminarista seria pautada pela relação hegemônica que vige entre o clero e o laicato no contexto eclesial: o primeiro tem os múnus de governar, ensinar e santificar e o segundo deve receber a orientação, a Palavra de Deus e os sacramentos, numa relação assimétrica, hierárquica e às vezes conflituosa. Isso também se manifesta nas relações de formação no seminário. É possível observar que uma formação paternalista que não leva o seminarista a crescer numa vida de liberdade é contraditória, pois o padre costuma ser um sujeito absolutamente autônomo! Como o seminarista pode viver tutelado durante mais ou menos 8 anos e depois passar a viver de um jeito completamente diferente, quando se torna padre?

Supomos que o fenômeno do conservadorismo autoritário do clero jovem se deve ao recrudescimento do paradigma neoconservador no cenário eclesial mais amplo (Benelli, 2006b). A vida num grande grupo em regime de internação promove um relacionamento superficial e se possível, polido, com a maioria dos colegas, conforme relatam os diáconos. O quarto individual permite a criação de um mundo pessoal. Grupos de referência espontâneos se formam, reunindo seminaristas por afinidades. Há grupos informais de indivíduos “relaxados” quanto à formação acadêmica, espiritual e moral. Eles seriam também individualistas, silenciosos e discretos, clericalistas, conservadores (“romanos”), afeiçoados aos sinais distintivos clericais e às cerimônias litúrgicas. Contudo, de acordo com os depoimentos, do ponto de vista teórico ou ideológico, parece que há um clima mais uniforme e geral entre os seminaristas da teologia, sem uma distinção marcante de grupos pertença. Aparentemente, a Teologia da Libertação seria coisa do passado e predominaria a influência da Renovação Carismática Católica.

Os diáconos falam sobre o tema da sexualidade e do celibato no seminário teológico. Vejamos um discurso tipicamente oficial enunciado pelos entrevistados: “a Igreja católica une tradicionalmente o sacerdócio ministerial e o celibato, ensinando que

o dom e a vocação sacerdotal inclui o carisma celibatário. A vocação ao sacerdócio e ao celibato são dons e tarefas árduas. O seminarista precisa de autoconhecimento, deve definir sua condição sexual na vida e realizar um trabalho intenso e permanente de sublimação. É comum que os candidatos na etapa filosófica passem por crises de identidade sexual. Pode ser que ela ainda não estivesse bem consolidada ou que o indivíduo não tivesse clareza quanto à própria orientação sexual.” Temos observado, entretanto, que usualmente a vida em regime de internato é propícia para a eclosão de diversos fenômenos e experiências sexuais (Benelli, 2002; 2003a, 2003b; 2006a). Um certo clima intensamente erotizado e malicioso não é incomum no seminário. Ouvimos também um discurso mais crítico sobre o tema da sexualidade e do celibato entre os diáconos: “a falta de preparação e de habilidade para lidar com a temática sexual, ou ainda uma certa conivência com indivíduos de comportamento heterodoxo podem ser detectadas entre os formadores. A estratégia mais comum é o expurgo, com o desligamento sumário do indivíduo-problema do seminário.” Parece desafiador formar alguém para prescindir do exercício da sexualidade na sua expressão genital. Aparentemente, o seminário funcionando de modo totalitário e disciplinar não seria capaz de auxiliar os candidatos a alcançarem a sublimação sexual. Antes, pelo contrário, parece incitar manifestações polimorfas da sexualidade (Benelli, 2006a). Os escândalos sexuais envolvendo o clero que eventualmente surgem na mídia repercutem no seminário, normalmente levando a um recrudescimento da equipe de formadores na “caça as bruxas” para evitar problemas futuros. Os seminaristas, por sua vez, se tornam mais persecutórios ainda. A literatura (Nasini, 2001; Ribeiro, 2002; Cozzens, 2001, 2004; Benelli, 2006a) demonstra que a vocação sacerdotal pode ser uma opção atraente para indivíduos com forte inibição sexual e também para os de franca orientação homossexual.

O curso teológico é considerado moderado e mais bem dogmático, afirmam os diáconos. Há seminaristas que apreciam o curso e se dedicam aos estudos. Pensam que o curso os prepara para o sacerdócio, embora também consideram como importante a abertura e a dedicação pessoal do seminarista. Há outros ainda que pensam que o curso é medíocre, que ele segue uma linha pastoral ou então que não tem identidade própria. O corpo docente apresentaria problemas e falta investimento na biblioteca. A formação padeceria da ausência de uma “sistematização mística” e os seminaristas se ressentem com isso. Não haveria grande estímulo para os estudos e os seminaristas se revelam pragmáticos e preocupados em adquirir conhecimentos que possam aplicar na pastoral. Notamos que em geral, há uma certa rejeição dos estudos acadêmicos entre os seminaristas: eles desejam ser padres e não precisariam “pagar o preço” de um bacharelado em teologia para tanto. Aparentemente o padre não teria seu ministério baseado na competência profissional adquirida na capacitação acadêmica. Sua vocação seria um carisma divino cultivado e aprovado pela autoridade eclesiástica e sua jurisdição e mandato se fundariam na autoridade episcopal hierárquica, da qual é delegado e representante. Isso provavelmente está produzindo efeitos no modo como os seminaristas encaram os estudos. Há alguns diáconos que sentem a ausência de estímulos à pesquisa acadêmica. Haveria uma ênfase em teologia sistemática e em moral no curso teológico, conjugada com um alheamento da problemática sócio-política mais ampla. O seminário é descrito como uma “bolha”, isolando os seminaristas do confronto com as questões econômicas, administrativas e sociais contemporâneas. O curso teológico estaria fechado nas questões intraeclesiais.

A formação filosófica e teológica é acadêmica e teórica. Nesse sentido, os seminaristas passam por um processo de desenvolvimento intelectual intenso. Depois eles regressam para as comunidades paroquiais que costumam ser populares em sua maioria. Certamente será necessário fazer uma síntese adaptada à audiência, pois o processo formativo tende a alinhar o candidato com o padrão da classe média. A pastoral realizada nos fins de semana funciona como oportunidade para contrastar “a teoria e a prática”, na tentativa de elaborar sua síntese. Entendemos que o padre exerce seu ministério a partir de uma delegação oficial da autoridade eclesiástica, que fundamenta e autoriza sua jurisdição. O poder sacerdotal é religioso e não depende da competência intelectual ou técnica do indivíduo, como acontece em outras profissões. Ele é predominantemente carismático e sancionado pela hierarquia episcopal. Aparece então um conflito entre a dimensão acadêmica universitária que seria profissionalizante, e a formação presbiteral que busca verificar e sancionar um carisma sacerdotal. Esse conflito se explicita nessa dicotomia entre teoria filosófico-teológica e prática pastoral. É clássica a dificuldade dos párocos em orientarem os trabalhos pastorais dos seminaristas. O seminarista “minipadre” também é típico. Mas, como sempre, há honrosas exceções.

Quais são os aspectos positivos da experiência de seminarista? Os diáconos relatam seu crescimento e desenvolvimento pessoal e espiritual ao longo do processo formativo. Talvez haja uma certa idealização retrospectiva quanto aos aspectos positivos da experiência deles no seminário. É possível também que tais aspectos se devam à resistência e à capacidade de driblar e inclusive superar os operadores e modos de funcionamento totalitários e disciplinares do estabelecimento de formação. Se por um lado a ausência de trabalho profissional libera o seminarista para que possa se dedicar ao discernimento vocacional, acarreta outros problemas. O amadurecimento na fé parece mais efeito da capacidade de superação dos candidatos, diante das condições formativas relatadas. A graduação em filosofia objetivamente é um elemento positivo de promoção social do candidato. As amizades aparecem como remansos aconchegantes em meio a uma convivência normalmente turbulenta, tensa e complexa. Parece mesmo admirável que alguns diáconos possam chegar ao final do processo formativo mantendo ideais de doação, de acolhida e de serviço à comunidade. Depois de tudo que viveram, quanto disso seria convicção pessoal e quanto seria apenas um discurso politicamente correto?

Nos diversos depoimentos dos diáconos, há uma insistência na importância da “formação humano-afetiva”, que remete às questões da sexualidade no contexto formativo. Os diáconos acreditam que a carência nessa dimensão levaria à imaturidade os seminaristas. Investir na formação dos padres formadores seria importante, pois assim poderiam desenvolver melhor seu trabalho e alcançar maior êxito. Haveria formadores que são considerados “insensíveis para as coisas espirituais” e “desequilibrados afetivamente”. A estratégia de pura e simplesmente desligar do seminário candidatos com “problemas afetivos” ou com “desequilíbrio psicológico” parece uma irresponsabilidade que delataria o despreparo dos padres formadores.

Aparentemente, a “formação humano-afetiva” remete ao campo psicológico e à interioridade psicológica do seminarista, incluindo sua orientação sexual, sentimentos, emoções e relacionamentos interpessoais. Espera-se que o indivíduo amadureça psicologicamente, sexual e emocionalmente, tornando-se uma pessoa adulta e integrada, capaz de vivenciar um amor casto e celibatário, sublimado na união espiritual com Deus e no

serviço pastoral à comunidade. Pensamos que a dinâmica psicossocial de um estabelecimento totalitário (Goffman, 1987) e disciplinar (Foucault, 1999) tem operadores e modos de funcionar automáticos que são pouco aptos para alcançar tais resultados. A organização das relações de poder e de saber, de vigilância e normalização que funcionam no seminário teológico parecem promotoras de outros efeitos dos quais os seminaristas reclamam: opressão, perseguição, observação, monitoração mútua, cansaço, saturação, depressão, estresse, persecutoriedade, resistência passiva, além da eclosão de fenômenos psíquicos e sexuais diversos.

A alternativa apresentada é a idealizada “pequena comunidade” com uma “formação personalizada” (Moro, 1997; Mézerville, 2000; Marmilicz, 2003). Pensamos que isso não seria suficiente para inverter o totalitarismo institucional. É possível tyrannizar tanto uma dúzia de pessoas quanto uma centena delas. Para obter outros efeitos, parece necessário modificar certos operadores fundamentais no processo formativo. Como os diáconos vêem a questão da sexualidade e do celibato na vida dos seminaristas em geral? Os escândalos sexuais do clero eclodem na mídia, os diáconos se vêem despreparados para enfrentar o fenômeno e também para viver o celibato. De acordo com os depoimentos, o celibato teria aspectos humanos e espirituais que precisam ser estudados e desenvolvidos. Os problemas do clero com a sexualidade estão presentes na realidade diocesana mais próxima e repercutem no seminário. Tais escândalos e dificuldades respingam nos seminaristas, pois o padre vai se tornando um ator social que está perdendo prestígio e autoridade.

Qual seria o modelo de padre para os diáconos? Afirmam que o padre exemplar “é aquele que se dedica à pastoral, ao atendimento do povo e que vive de modo equilibrado, sem ficar no comodismo egoísta mas também evitando o ativismo”. Seria uma pessoa desapegada, livre, servidora e disponível. “É um homem que vivencia a espiritualidade, um místico que reza e tem experiência de Deus. Como age na pessoa de Cristo, o padre deve ter um contato vivencial e íntimo com Jesus”.

Os diáconos afirmam que chegam ao final do processo formativo convictos de sua vocação e confirmados no chamado, sentindo-se acompanhados pela providência divina. O balanço da experiência no seminário tende a ser geralmente negativo e foi preciso conservar quase que de modo heróico a própria vocação. A sensação de opressão, desamparo e desorientação foram intensas. Questionam se haveria a possibilidade de se tornar padres sem ter que passar pelo seminário. Apesar de tudo, dizem que houve um certo amadurecimento do candidato ao sacerdócio, que procura manter sua sensibilidade para com o povo ao qual deverá servir. Os diáconos podem ser considerados como campeões, pois conseguiram resistir bravamente e chegar ao fim da formação institucional “com a chama acesa”, com espiritualidade, com o ideal de trabalhar pelo povo e cultivando o celibato. Os tempos difíceis do seminário estão terminando e diante dos diáconos há um futuro ministerial cheio de liberdade que será dedicado ao serviço da Igreja.

***Etapas institucionais do sacramento da ordem e sua influência no percurso do seminarista***

Muito embora um jovem seja denominado seminarista assim que ingressa no seminário menor, normalmente ele apenas é admitido oficialmente enquanto seminarista diocesano pelo bispo, no início do primeiro ano do curso teológico. O candidato ao ministério ordenado ganha um novo *status* no processo formativo: agora realmente se torna um seminarista, alguém que crê ter vocação sacerdotal e que se sente chamado por Deus para o presbiterato, que já foi “peneirado” no cadinho da formação filosófica e aprovado pelos superiores, sendo chamado e escolhido pessoalmente pelo bispo diocesano, que o reconhece como um candidato digno e apto para assumir futuramente, depois de concluído o processo formativo, o ministério sacerdotal na Igreja católica. Quanto mais o seminarista avança nessas etapas, mais seguro fica e diminuem as possibilidades de que seja desligado do seminário. Dificilmente um seminarista teólogo é mandado embora do seminário, ainda que tenhamos presenciado um caso em que dois candidatos, ao final do segundo ano, receberam uma “suspensão” de um ano, interrompendo o curso teológico e devendo residir numa paróquia de sua diocese, sob a supervisão de um padre designado pelo bispo. Também se espera que o candidato, a cada nova etapa assumida, esteja mais maduro, vocacionalmente convicto e decidido a assumir o ministério sacerdotal. A passagem de “súdito” a “senhor” é lenta e gradual, realizada através de ritos de passagem de importância crescente que vão consolidando a construção do papel social e religioso do seminarista como padre católico, produzindo-o como indivíduo dotado de uma identidade predominantemente clerical.

O rito de *admissão às ordens sacras* (Igreja Católica, 2004, p. 255-260) como seminarista diocesano acontece numa celebração eucarística, normalmente sem maiores solenidades, na qual o bispo, depois de ter recebido um pedido escrito de próprio punho pelo candidato a seminarista diocesano, contando com a aprovação do conselho de presbíteros da diocese, acolhe o seminarista publicamente como candidato ao sacerdócio. Pode acontecer de um bispo enviar um seminarista para estudar teologia e não admiti-lo oficialmente como seminarista diocesano. Isso coloca o rapaz numa situação desconfortável e humilhante diante dos outros colegas que já ganharam o novo *status*, pois significa que o bispo ainda não estaria muito convencido quanto à idoneidade do candidato. Esse novo *status* talvez também ajude a explicar a notória rivalidade entre seminaristas teólogos e filósofos, pois os primeiros podem arrogar superioridade quanto aos segundos, devido ao reconhecimento do qual passam a gozar. Os estudantes de filosofia podem considerar os teólogos como “escravos alforriados” e seriam considerados apenas “vocacionados” pelos teólogos, agora seminaristas oficiais. É típico que os seminaristas teólogos não se identifiquem mais com o *status* comum de fiel cristão leigo, mas já se consideram diferentes e pertencentes à hierarquia eclesial.

Outro rito importante no caminho para a ordenação sacerdotal é o ministério de *leitor* (Igreja Católica, 2004, p. 249-251) e *acólito* (Igreja Católica, 2004, p. 253-254), no qual o seminarista recebe do bispo o direito e a qualificação para auxiliar o sacerdote na “mesa da palavra”, proclamando e anunciando a Palavra de Deus, realizando as leituras bíblicas nas celebrações eucarísticas e também na “mesa da eucaristia” como servidor do altar, podendo então ajudar a preparar o altar e dispor os objetos e oferendas

necessárias para a consagração eucarística: corporal, cálice, patena, pão, água, vinho. Esse rito acontece numa celebração eucarística que costuma ser preparada com esmero e maior solenidade pelos seminaristas. Podem confeccionar convites e inclusive comemorar com uma festa, logo em seguida. Os rapazes capricham nas túnicas brancas, nos cânticos e no cerimonial. Muitos já podem viver aí uma prévia da ordenação sacerdotal propriamente dita. Depois da recepção dos ministérios de leitor e de acólito, o seminarista teólogo tem mais razões para se convencer de sua vocação divina, contando com a aprovação da autoridade eclesiástica e com a acolhida respeitosa da comunidade católica. Esse passo é importante para que ele se motive a decidir com convicção pela vida sacerdotal, intensificando também suas práticas espirituais de oração.

A etapa seguinte consiste na *ordenação diaconal*, celebração solene na qual o seminarista finalmente ascende de fato ao grau de membro da hierarquia eclesiástica, ingressando no estado clerical e sendo incorporado a uma determinada diocese. O seminarista, normalmente no final do terceiro ano do curso teológico, escreve uma carta ao bispo, solicitando a ordenação diaconal. Outros teólogos podem ser ordenados apenas depois de concluído o curso teológico, conforme os critérios de cada bispo diocesano. Quando recebe um pedido de ordenação, o bispo promove uma consulta a diversos membros da igreja diocesana, denominada “escrutínio”: leigos(as), religiosos(as), colegas de seminário, padres formadores, pessoas das paróquias pelas quais o jovem passou fazendo pastoral, recebem um questionário sobre esse ele que deve ser respondido por escrito. Quando a documentação retorna, é analisada e se o resultado for positivo, o bispo e o conselho de presbíteros aprovam o pedido e o candidato é comunicado. O seminarista então prepara convites, livrinho de ordenação com cantos, leituras, ladainhas e o ritual da ordenação diaconal. É possível que a ordenação aconteça na paróquia onde ele esteja fazendo pastoral no momento. Normalmente o evento ocorre num ginásio de esportes, pois as igrejas podem ser pequenas para a multidão que se reúne para o acontecimento. Boa parte do clero diocesano costuma comparecer, acolhendo o novo membro da fraternidade sacerdotal. Os seminaristas acorrem numerosos com suas túnicas brancas e ocupando lugares junto ao presbitério. Tudo é cuidadosamente preparado: decoração com tapetes, flores, faixas, caracterizando uma grande festa. Há homenagens efusivas aos formadores, ao bispo e aos pais do novo diácono. Tudo isso funciona também como propaganda vocacional, pois a cerimônia costuma ser emocionante e realmente pode despertar o desejo de viver uma experiência tão intensa e cheia de dignidade.

Finalmente, na celebração da ordenação sacerdotal, que acontece no contexto de uma missa solene, há ritos preparatórios importantes, tais como a apresentação dos eleitos ou chamada dos candidatos, a homilia, o propósito público dos candidatos, a ladainha e as explicações que indicam os distintos ofícios conferidos pela imposição das mãos e a invocação do Espírito Santo, ambas realizadas pelo bispo. Esses dois últimos constituem os ritos centrais da ordenação. As ordenações de diáconos (Igreja Católica, 2004, p.147-164) e de presbíteros (Igreja Católica, 2004, p. 123-135) se transformaram em verdadeiras apoteoses eclesiásticas. Seminaristas de batinas pretas e roquete comandam como cerimoniários um espetáculo bem coreografado e ensaiado, centrado nos elementos rituais, despidos de adaptações mais inculturadas. Trata-se de “cerimônias romanas”, como dizem os seminaristas. Os padres, diáconos, seminaristas, os ordenandos e o bispo entram no recinto da cerimônia em solene procissão, com velas,

incenso e uma cruz abrindo caminho. As vestes do clero são belas e distintivas. Atualmente, nessas ordenações, os cânticos são predominantemente centrados no tema do relacionamento pessoal com Deus, com Jesus e com o Espírito Santo, o tom geral tende para um intimismo sentimental. As músicas são melodiosas e as letras falam da busca pessoal e afetiva por Deus, da intimidade com Ele, do aconchego que o fiel sente em Sua casa, das curas que o amor de Deus opera na vida pessoal, do relacionamento pessoal e amoroso entre o fiel e Jesus. Não há nenhuma menção ao povo fiel, que está ali apenas para assistir e aplaudir a cerimônia, emocionado com o clima religioso e sagrado, solene e magnífico da ordenação. Os leigos parecem apenas espectadores de uma certa autoglorificação clerical. Dessas cerimônias desapareceram alguns sinais de inculturação típicos da década de 1980, tempo em que predominava no cenário eclesial uma maior preocupação com as questões sociais, com uma temática mais coletiva e politicamente engajada. Mudaram a ornamentação, os temas, as palavras de ordem, os valores, as práticas, os instrumentos musicais.

Na Igreja católica, o grau inferior do sacramento da ordem é constituído pelo diaconato, no qual, pela imposição das mãos do bispo, o diácono se torna servidor do povo de Deus na proclamação da Palavra, na liturgia e na caridade com os pobres. O diácono utiliza a túnica branca e a estola, símbolo do poder sacerdotal, mas na diagonal, como se fosse uma faixa. Faz a promessa pública de viver o celibato, consagrando-se de modo especial a Cristo e recebe o múnus da Igreja para louvar e orar a Cristo e a Deus Pai, através da reza da Liturgia das Horas, oração oficial da Igreja católica, em favor do povo de Deus e da humanidade (Igreja Católica, 2004, p. 143-144). Também promete obediência ao bispo e aos seus sucessores. Ele pode assistir casamentos, realizar batizados e os rituais das exéquias. A diferença do sacerdote é que ele não consagra a eucaristia nem confessa os pecados, dando a absolvição. Na pastoral paroquial, ele continua auxiliando o pároco, dividindo as atividades pastorais com o padre. Como membro da hierarquia, passa a receber salário e é incluído num plano de saúde custeado pela mitra diocesana. No seminário, ele ainda é um estudante de teologia que deve cursar o quarto ano e passar pelo exame “De universa” para receber o grau de bacharel em teologia. Seu *status* sofre radical modificação frente aos colegas não ordenados. Dependendo do seu caráter pessoal, pode se tornar uma pessoa arrogante e dominadora, agora que está investido de maior dignidade. Os teólogos do terceiro e do quarto ano normalmente dominam a vida no seminário teológico, e dentre eles, costumam predominar os diáconos. É costume que o diácono faça a homilia na missa da comunidade uma vez por semana, que é cuidadosamente preparada, para não haver nenhum deslize diante dos formadores e dos colegas hiper-críticos. Ele também deve atender os pobres que batem à porta da comunidade. Finalmente, depois de concluídos os estudos teológicos e de ter sido aprovado no exame “De universa”, no qual uma banca de professores verifica oralmente os conhecimentos teológicos adquiridos pelo seminarista, ocorre a formatura do novo bacharel em teologia e o seminarista regressa para sua diocese de origem onde em breve será ordenado sacerdote, alcançando assim a maioria eclesiástica na Igreja católica.

Antes da ordenação sacerdotal ser realizada, há uma série de procedimentos obrigatórios. Primeiro, o candidato deve enviar uma carta pedindo a ordenação para seu bispo; em seguida, o Conselho de Presbíteros da diocese se reúne com o bispo e acolhe ou não o pedido. Tendo o pedido recebido aprovação, procede-se novamente ao chamado escrutínio. Quando tem seu pedido de ordenação aprovado, o candidato deve

fazer obrigatoriamente um retiro espiritual de cinco dias antes da cerimônia. A cerimônia de ordenação sacerdotal é também uma grande festa litúrgica, devidamente preparada e solenemente realizada. O povo, o clero e os seminaristas são numerosos. Essa celebração é parecida e intensa como a ordenação diaconal, embora tenha detalhes particulares. Parece pouco provável que o ordenando não se sinta como o personagem central de um evento monumental, de um acontecimento sagrado e transcendente. O momento da ordenação pode ser vivenciado por muitos candidatos como uma grande vitória pessoal. Os cânticos criam um clima muito especial e a intensidade emocional é crescente, até atingir o ápice no momento da investidura sacerdotal e da unção de suas mãos com o óleo sagrado. Os presbíteros “(...) em virtude do sacramento da Ordem, segundo a imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote, são consagrados para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, de maneira que são verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento.” (Igreja Católica, 2004, p. 55).

De acordo com o Pontifical Romano (Igreja Católica, 2004, p. 123-135), o ritual da ordenação sacerdotal transcorre da seguinte forma: proclamado o Evangelho, a Igreja local pede ao bispo que ordene o candidato. O padre para isso encarregado, diante da assembleia, certifica ao bispo, que o interroga, não haver dúvidas quanto ao candidato. O diácono que será ordenado presbítero externa sua vontade de exercer o seu múnus sacerdotal de acordo com Cristo e com a Igreja, sob a autoridade do bispo diocesano. No cântico da ladainha, todos pedem a graça de Deus para o candidato, que, nesse momento, novamente fica deitado sobre um tapete, em sinal de submissão a Deus, diante do bispo. Pela imposição das mãos do bispo e pela prece de ordenação, é conferido ao candidato o dom do Espírito Santo para o múnus de presbítero, conforme segue: “Nós vos pedimos Pai todo-poderoso, constituir este vosso servo na dignidade de presbítero; renovai em seu coração o Espírito de santidade; obtenha ó Deus, o segundo grau da Ordem sacerdotal, que de vós procede, e em sua vida seja exemplo para todos.” Juntamente com o bispo, todos os presbíteros presentes impõem as mãos sobre o candidato, significando com esse gesto sua inserção no presbitério. Em seguida o ordenando é revestido com a túnica branca, a estola presbiteral e a casula, manifestando exteriormente o ministério litúrgico que ele vai exercer. Outros sinais também visam explicitar esse ministério: a unção das mãos do novo presbítero com o óleo do crisma simboliza sua especial participação no sacerdócio de Cristo; a entrega do pão e do vinho pelo bispo em suas mãos indicam o múnus de presidir a Eucaristia e de seguir a Cristo crucificado. Com o abraço da paz, o bispo sinaliza sua aceitação do novo cooperador no seu ministério. Os demais presbíteros saúdam o novo colega, acolhendo-o com um abraço no ministério presbiteral. O presbítero recém-ordenado ocupa o primeiro lugar e exerce pela primeira vez seu ministério na celebração eucarística, concelebrando-a com o bispo e com os demais sacerdotes.

Curiosamente, os seminaristas não costumam tematizar esses diversos rituais de passagem que percorrem em direção à ordenação sacerdotal. Comentam “que não muda nada na vida da gente receber o rito de admissão e os ministérios de leitor e de acólito, só muda mesmo depois da ordenação sacerdotal.” Eles provavelmente se referem a questões práticas tais como liberdade, autonomia, posse e uso de dinheiro e exercício da liderança pastoral próprios do clero ordenado. Ora, pensamos que esses ritos são fundamentais enquanto instrumentos produtores da subjetividade na formação do clero católico, tanto no plano místico ou espiritual quanto no plano sócio-ecclesial e burocrático. Um padre não é “produzido” no momento da ordenação sacerdotal, ele foi

sendo produzido ao longo de um complexo processo formativo institucional. O jovem candidato vai sendo “processado”, testado, modelado e preparado no estabelecimento seminário, em regime de internato, imerso num clima eclesial que, lenta e gradualmente promove sua inserção na cultura clerical.

Esses rituais são momentos específicos nos quais ele é reconhecido pelo outro, pelos formadores e pelo bispo, representantes da Igreja, como alguém realmente dotado de uma vocação sacerdotal. Ele pode assim se reconhecer e se confirmar também no olhar do outro, construindo sua própria identidade sacerdotal. Dessa forma ele vai se investindo e sendo investido institucionalmente como membro da hierarquia eclesial. A ordenação sacerdotal, apogeu dos ritos de passagem e momento culminante do processo de formação, normalmente é uma celebração cerimonial festiva e marcada por traços de um grande espetáculo público que transforma ontologicamente o seminarista, como afirma o discurso teológico, conferindo-lhe uma nova identidade ao configurá-lo a Jesus Cristo. O que há de mais íntimo no indivíduo ordenando é transfigurado pela ação divina: sua identidade pessoal. A coletividade dos fiéis reitera o significado da ordenação, acolhendo o indivíduo ordenado em sua nova posição religiosa e social.

### **Conclusão**

O seminário teológico é uma etapa avançada do processo formativo do candidato ao sacerdócio e nos parece dotado de especificidade própria, que estamos procurando mapear. O seminarista vive em comunidade e está diante da ordenação sacerdotal de modo muito concreto e mais próximo, desde o primeiro dia em que a começa viver no seminário teológico. A decisão vocacional torna-se a questão fundamental. O candidato recebe formação teológica, doutrinal, espiritual e pastoral específicas para o futuro exercício do ministério presbiteral e vai percorrendo os diversos graus do sacramento da ordem: é admitido oficialmente como seminarista por sua diocese, recebe os ministérios de leitor e acólito; mais tarde é ordenado diácono, quando promete publicamente viver o celibato, e finalmente o processo formativo culmina com a ordenação sacerdotal. Tivemos ocasião de presenciar todas essas cerimônias durante a pesquisa. Consideramos esses ritos de passagem como importantes operadores de subjetivação específicos do seminário teológico.

Tornar-se membro da hierarquia eclesial católica exige como condição de possibilidade mudanças significativas na vida dos candidatos. As diversas dimensões do processo formativo visam operar formas de condutas específicas nos seus modos de ser, sentir e agir. Essas transformações são processadas na instituição de formação denominada seminário católico. O tempo aí vivenciado apresenta um caráter de iniciação prolongada, pleno de rituais religiosos e de operadores microfísicos, disciplinares e totalitários que incidem no corpo, na mente e na alma do seminarista, sobre a totalidade da vida de sua pessoa, produzindo um novo indivíduo consagrado e normalmente, clericalizado. O enclaustramento e a interdição da vida sexual exigidas pela observação da regra do celibato são dois operadores importantes. Todo um conjunto de práticas e discursos implementados no âmbito do claustro institucional molda o corpo e a alma do candidato, sua personalidade, como suportes da consagração

sacerdotal, buscando recriar sua identidade. Ele adquire novos hábitos, desenvolve uma visão diferente sobre si mesmo e sobre seu percurso existencial: seu corpo, seu psiquismo, sua história familiar, seus problemas cotidianos, afetivos, passam a ser interpretados e re-significados pela sua vocação sacerdotal, num trabalho contínuo de construção da sua nova identidade. Ele aprende a manter, juntamente com seus colegas de formação, uma relação de reverência e respeito pela autoridade eclesiástica, observando a rígida hierarquia de prestígio e de poder organizada na Igreja católica. Dizem-lhe que ele é “diferente” dos demais jovens, e “diferente” logo pode ser interpretado pelo seminarista como “melhor”. Um pouco mais tarde isso pode passar ser entendido como sendo “superior” aos outros. Assim se constitui gradualmente uma mentalidade de casta clerical. Verificamos então que o processo de reconstrução da identidade do candidato ao sacerdócio é realizado ao longo dos ritos de passagem que se complementam, passando pelo aprendizado de novos hábitos, por mudanças nos modos de pensar e falar, sentir e agir, vestir ou comportar-se, adquirindo uma visão espiritual ou de fé sobre a vida, que tem como base o chamado divino e a consagração especial da sua vida a Deus.

Benelli, S. J. (2010) Institutional journey of diocesan seminarian towards priesthood. *Revista de Psicologia da UNESP* 9(2), 1-17.

**Abstract:** *We investigate the Catholic clergy formation at the Theological Seminary Institution. We applied participating observation technique and semi directive interviews to realize an institutional analysis of Seminary milieu and procedures implemented in Ecclesiastical formation. We analyze interviews with the Theological seminarians trying to find out subjectivity production processes in such institution. We studied several passage rites which the Theological Seminarian live to become a priest and we interpreted them as important tools of subjectivity doers in their formation. The outcomes indicate that the structural model of Seminarian device can be understood as a total institutional and its functioning mode as disciplinary and panoptical*

**Keywords:** *Psychology and Religion, Institutional Analysis, Subjectivity production, Catholic Seminary, Ecclesiastical formation.*

## **Referências**

- Baremblytt, G. F. (1998). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.
- Barus-Michel, J. (2004). *O sujeito social*. Belo Horizonte: PUC Minas.
- Benelli, S. J. (2002). O internato escolar como instituição total: violência e subjetividade. *Psicologia em Estudo*, 7 (2), 19-29.

- Benelli, S. J. (2003a). O internato escolar “O Ateneu”: produção de subjetividade na instituição total. *Psicologia USP*, 4 (3),133-170.
- Benelli, S. J. (2003b). Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total. *Psicologia em Estudo*, 8 (2), 99-114.
- Benelli, S. J. (2006a). Pescadores de homens: estudo psicossocial de um seminário católico. São Paulo: Unesp.
- Benelli, S. J. (2006b). Paradigmas eclesiais e pedagógicos na formação sacerdotal institucional. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 66 (264), 807-841.
- Costa-Rosa, A. (2000). O Modo Psicossocial: um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar. In: AMARANTE, P.D.C. (Org.) *Ensaio de Loucura & Civilização*. (pp. 141-168). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Cozzens, D. B. (2001). *A face mutante do sacerdócio*. São Paulo: Loyola.
- Cozzens, D. B. (2004). *Silêncio sagrado: negação e crise na Igreja*. São Paulo: Loyola.
- Igreja Católica. (2004). *Pontifical romano*. São Paulo: Paulus.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Goffman, E. (1987). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- Lefèvre, F. (2000). *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUSC.
- Lourau, R. (1996). *A análise institucional*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Marmilicz, A. (2003). *O ambiente educativo nos seminários maiores do Brasil: teoria e prática*. Curitiba: Vicentina.
- Mézerville, G. (2000). *Maturidade Sacerdotal e religiosa: um enfoque integrado entre psicologia e magistério*. São Paulo: Paulus.
- Moro, C. (1997). *A formação presbiteral em comunhão para a comunhão: perspectivas para as casas de formação sacerdotal*. Aparecida, SP: Santuário.
- Nasini, G. (2001). *Um espinho na carne: má conduta e abuso sexual por parte de clérigos da Igreja Católica no Brasil*. Aparecida, São Paulo: Santuário.
- Ribeiro, J. U. (2002). *Diário do farol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

*Recebido: 21 de maio de 2009.*

*Aprovado: 24 de outubro de 2010.*